

- O Banco de Moçambique, manteve pela segunda vez consecutiva, inalteradas as taxas de juro de referência do Mercado Monetário Interbancário, nomeadamente a taxa de política (MIMO) em 10.25%, facilidades permanentes de cedência (FPC) e depósito (FPD) em 13.25% e 7.25% respectivamente, coeficiente de reservas obrigatórias em MN (11.5%) e ME (34.5%), sinalizando uma postura conservadora na gestão da política monetária ancorada nas perspectivas de aceleração da inflação no curto e médio prazo, devido a intensificação dos riscos e incertezas na conjuntura doméstica e internacional, destacando-se o aumento de novos surtos de coronavírus nas economias dos parceiros comerciais de Moçambique (EUA, Zona Euro, Reino Unido, China, Índia, Brasil), expectativas do evento eleitoral nos EUA (que tem implicações no ambiente económico e financeiro mundial), acréscimo da dívida pública interna e efeitos das mudanças climáticas.
- Usando o termo *overshooting* (conceito utilizado para descrever a reação da taxa de câmbio a medidas de política monetária), concluímos que: uma eventual alteração na política monetária irá fazer alterar preços de activos financeiros e preços de bens e serviços. Os primeiros tendem a ser flexíveis, enquanto os segundos estão sujeitos a uma evidente rigidez de ajustamento. Como resultado, há uma resposta inicial da taxa de câmbio que está relacionada com o modo como os fluxos internacionais de investimento se modificam, sendo que essa resposta é, em seguida, atenuada pelo ajustamento nos preços dos bens e serviços, o qual demora tempo a produzir efeitos. Em concreto, se os preços aumentam (inflação), a condição dos poderes de compra indica que a moeda local tende a depreciar face às moedas externas, cenário que temos observado desde o início do ano, num contexto em que os fluxos de capitais dos megaprojectos reduziram consideravelmente.
- No mercado cambial assiste-se a uma procura crescente de importações, cuja oferta de divisas não satisfaz a demanda existente, impulsionada pela reabertura de fronteiras e retoma faseada de alguns sectores de actividade. Até final do ano, antevemos um ajustamento entre a procura e oferta de moeda, permitindo amortecer a depreciação do Metical face ao Dólar, uma vez que os importadores tendem a diferir os pagamentos das encomendas para Janeiro de 2021. Todavia, as reservas internacionais incrementaram sustentado pelo recebimento de donativos, ajudas humanitárias e empréstimo de emergência (FMI) para mitigar os efeitos da COVID-19. Estas reservas poderiam ser utilizadas como estabilizadores do mercado cambial à medida que os preços dos bens e serviços se vão ajustando, permitindo criar espaço para reduções adicionais nas taxas de juro de modo a facilitar o acesso ao crédito do sector privado devastado pela crise pandémica.
- O crescimento económico em 2020 foi revisto em baixa, antevê-se uma contracção do PIB [-0,5%] face a anterior previsão de 2% (pré-Covid). Constatámos que a sensibilidade da actividade económica às medidas de combate à COVID-19 é muito elevada. Em Abril, quando as restrições à mobilidade eram mais rígidas, o colapso económico atingiram níveis incomuns. Assim o demonstram os indicadores menos convencionais que procuram estimar a evolução da economia em tempo real, sendo que a publicação de estatísticas oficiais com mais precisão acabou por corroborar esta ideia. Por exemplo, a queda do PIB no 2T foi de 3,2%, onde as medidas de contenção foram mais rígidas, afectando o desempenho económico das empresas do sector privado e público que reportam obrigações financeiras junto à Banca, tendo a maior parte beneficiado do regime de moratórias para colmatar necessidades momentâneas de liquidez durante a vigência da pandemia.
- Contudo, é importante destacar que a sensibilidade da actividade económica também está a ser muito elevada em relação ao alívio das medidas de distanciamento social e à recuperação da mobilidade. De facto, os indicadores de confiança empresarial de Ago-20, segundo dados do INE, mostram agora uma recuperação tímida da actividade e sugerem que no 3T seja ténue em perda de actividade comparativamente ao primeiro semestre do ano. O cenário macroeconómico continua desafiante, a destacar o impacto da crise sanitária.